

UM DESPERTAR PARA A IMPORTÂNCIA DOS MULTILETRAMENTOS: UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

UN DESPERTAR PARA LA IMPORTANCIA DE LOS MULTI-LETRAMENTOS: UNA
EXPERIENCIA EN LA EDUCACIÓN BÁSICA

Marília Spingolon¹

<https://orcid.org/0000-0001-7331-9408>

Leandra Ines Seganfredo Santos²

<http://orcid.org/0000-0003-0388-0106>

Albina Pereira de Pinho Silva³

<https://orcid.org/0000-0002-5139-9299>

Resumo:

O objetivo deste texto é analisar práticas de uma docente realizadas no ensino básico, com a participação de discentes do último ciclo do ensino fundamental (9º ano), de uma escola no norte de Mato Grosso. Tais práticas envolveram os multiletramentos (ROJO, 2009; 2013). Para este estudo foram selecionadas etapas desenvolvidas durante um Projeto de Letramentos realizado no ano de 2020, em contexto de pandemia. Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, com viés interpretativista, evidenciou fatores internos e externos ao processo, que contribuíram para a formação crítico-cidadã (discente/docente), com a elaboração dos trabalhos de leitura propostos, em contexto de aulas remotas, motivados pelo debate do tema “identidade e diversidade na escola” para reconhecimento da alteridade, em sua coconstrução sobre a ótica da identificação da comunidade. Os dados mostram, ainda, que as práticas potencializaram a reflexão de como as manifestações na e pela língua estão carregadas de historicidade e os modos de atuação social pelo

¹ Mestre em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), unidade regionalizada de Sinop-MT. Docente de Língua Portuguesa pertencente ao quadro permanente de profissionais da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso, Sinop, Mato Grosso, Brasil.

² Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (São José do Rio Preto), com pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUCSP). Professora concursada na Universidade do Estado de Mato Grosso. Professora permanente dos Programas de pós-graduação stricto sensu, Mestrado Acadêmico em Letras e Mestrado Profissional em Rede (PROFLETRAS), na Unemat, Sinop, Mato Grosso, Brasil.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com pós-doutorado em Letras, na linha de pesquisa Ensino de Linguagens (UEMS/Campo Grande). Docente efetiva na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Professora permanente dos Programas de pós-graduação stricto sensu Mestrado Acadêmico em Letras, Mestrado Profissional em Rede (PROFLETRAS) e Mestrado Profissional em Rede (PROFEI), na Unemat, Sinop, Mato Grosso, Brasil.

uso das tecnologias digitais, culminando na produção do gênero textual webdocumentário: Webdoc e a voz da diversidade na escola.

Palavras-chave: práticas docentes; multiletramentos; ensino remoto.

Resumen:

El objetivo de este texto es analizar prácticas de una docente realizadas en la enseñanza básica, con la participación de dicentes del último ciclo de la enseñanza fundamental (9º año), de una escuela en el norte de Mato Grosso. Tales prácticas involucran los multi-letramentos (ROJO, 2009; 2013). Para este estudio fueron seleccionadas atapas desarrolladas durante un Proyecto de Letramentos realizado en el año de 2020, en contexto de pandemia. Esta investigación de abordaje cualitativo, con enlace interpretativista, ha evidenciado hechos internos y externos al proceso, que contribuyeron para la formación crítico-ciudadana (discente/docente), con la elaboración de trabaos de lectura propuestos, en contexto de clases remotas, motivados por el debate del tema “identidad y diversidad en la escuela” para reconocimiento de la alteridad, en su construcción conjunta sobre la óptica de la identificación de la comunidad. Los datos muestran, todavía, que las prácticas potencializaron la reflexión de como las manifestaciones en la y por la lengua, están cargadas de historicidad y los modos de actuación social por el uso de las tecnologías digitales, culminando en la producción del género textual Webdocumental: Webdoc e a voz da diversidade na escola.

Palabras-clave: prácticas docentes; multi-letramentos; enseñanza remota.

INTRODUÇÃO

A profusão de textos que circulam no espaço virtual e fora dele, oriundos, principalmente, das tecnologias digitais, em consonância com os avanços científicos, tem mudado o modo como as pessoas se relacionam na e pela linguagem, e evidenciam a importância de estudá-los em sala de aula, desde o ensino básico. Assim, texto e trato social são aliados no processo de interação entre os cidadãos e o estado das coisas no mundo, elementos indissociáveis para compreender o contemporâneo. Ademais, faz-se mister que a educação em Língua Materna (LM) possibilite um espaço de reflexão, quanto aos gêneros discursivos circundantes socialmente, a fim de que se possa contribuir para a formação crítico-cidadã, prerrogativa dos documentos oficiais que regem a educação no Brasil.

Este artigo é resultado do recorte de um Projeto de Letramentos, que se desenvolveu em uma instituição de ensino básico, no interior do Mato Grosso, e que aproximou os estudos do texto e das relações humanas, que se estabelecem por meio deles, em tempos hodiernos e de isolamento social, provocado pela pandemia do novo Coronavírus (Covid-19). Trata-se de uma pesquisa interventiva e com viés interpretativista, cujos resultados foram observados durante o processo de desenvolvimento das etapas. Com a finalidade de promover a reflexão que segue, foram selecionadas as fases da pesquisa que evidenciaram os estudos quanto à importância do trabalho com os multiletramentos em sala de aula, a fim de que se pudesse coconstruir ações capazes de ampliar a competência discursiva do estudante.

O objetivo supracitado está intimamente ligado a fatores outros e não somente aos estudos linguísticos. De acordo com Travaglia (2011), tal propósito encontra um ponto de convergência no âmbito da mobilização do conhecimento, em práticas sociais diversificadas de uso da

linguagem. Além disso, as ações que permeiam esta pesquisa foram pensadas na realidade da educação básica, em uma escola pública de Ensino Fundamental (EF), tendo em vista o espaço-tempo no qual ela se insere. Cabe acrescentar que, o espaço no qual se encontra a instituição objeto deste estudo existe no município anteriormente à sua emancipação, mas recebeu o status de escola, quando, de fato, o distrito recebeu o título de cidade, ao desmembrar-se de Chapada dos Guimarães.

Ao longo do tempo, foram várias as agências de letramento(s) que contribuíram para a formação dos discursos circundantes dentro e fora da escola pesquisada sobre as inúmeras situações, as quais se apresentam em contexto de diversidade. Durante as aulas, percebeu-se a presença destes discursos motivadores de conflitos e a importância de discutir e ampliar o conceito de diversidade e refletir como se criam as identidades no mundo pós-moderno.

Feitas essas considerações iniciais, os multiletramentos emergem como uma discussão necessária na escola. Rojo (2012) entende o termo multiletramentos como a compreensão das práticas diversificadas de uso da linguagem, situadas não somente na cultura valorizada pela escola, mas em ambientes comuns, cotidianos de manifestação na e pela língua.

A autora ressalta que o termo letramento(s) se inter-relaciona ao de prática(s), ou seja, em se tratando dos variados textos que circulam socialmente, tanto orais quanto escritos, corresponderia a compreensão crítica desses textos, de forma situada e que possa mobilizar ações pela linguagem. Estes letramentos não-valorizados oriundos das culturas locais precisam adentrar o espaço escolar e dialogar com as culturas valorizadas para ressignificá-las, segundo a autora.

A partir desta exposição contextual, o objetivo deste artigo é dar visibilidade aos estudos dos multiletramentos, por intermédio da seleção de atividades pedagógicas vivenciadas em sala de aula e em contexto de pandemia, desenvolvidas a partir de uma pesquisa subsidiada em um Projeto de Letramentos⁴. Primeiramente, expõe-se os fundamentos teóricos que embasaram a pesquisa, acompanhados pelos caminhos metodológicos, bem como da descrição das atividades desenvolvidas, contextualização do lugar, tempo e do público participante do projeto, seguida das reflexões pedagógicas oriundas do processo.

GÊNEROS DISCURSIVOS EM TRÂNSITO E OS MULTILETRAMENTOS NA ESCOLA, NA CONTEMPORANEIDADE

Antes de compreender o gênero na perspectiva do referencial teórico estudado nesta pesquisa, vale a lembrança do escritor argentino Jorge Luís Borges (2012), no ensaio “A memória de Shakespeare”, o qual sobreleva a discussão quanto à linguagem ao nível do discurso. O autor questiona os caminhos pelos quais ele próprio poderia percorrer, caso lhe fosse concedida a memória do autor inglês, como no título de seu ensaio. O exercício de pensar em tal possibilidade oferece abertura para o diálogo quanto à natureza da própria linguagem. Caso o autor recebesse

⁴ Neste estudo consideramos o conceito de Projeto de Letramento consoante Kleiman, que o define como: “Prática social em que a escrita é utilizada para atingir algum outro fim, que vai além da mera aprendizagem da escrita (a aprendizagem dos aspectos formais apenas), transformando objetivos circulares como ‘escrever para aprender a escrever’ e ‘ler para aprender a ler’ em ler e escrever para compreender e aprender aquilo que for relevante para o desenvolvimento e realização do projeto” (KLEIMAN, 2000, p. 238).

tal regalo, seria a mesma memória, sendo ele um outro e estando num espaço-tempo diferente? Como manifestaria tal memória considerando-se os contextos enunciativos?

Bakhtin (2006) propõe que todo ato enunciativo é dialógico, e nesta cena, na qual o sujeito passa a ocupar um lugar de destaque, toda voz é permeada por múltiplas outras vozes. Além disso, é por meio dos usuários da língua em situações de interação que se compreendem as relações sócio-históricas que caracterizam uma sociedade.

Tal questionamento, à luz de Bakhtin (2006, p. 261), conduz à reflexão de que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. Não obstante, o uso desta ocorre por diferentes meios, visto que depende do contexto enunciativo e dos interlocutores envolvidos nas atividades interativas. Bakhtin (2014, p. 35) apresenta um caminho para a compreensão do conceito de língua e linguagem, bem como de gênero discursivo ponderado nesta pesquisa, que auxilia na compreensão destas interações mediadas pela linguagem. Para o autor, “a palavra é o signo ideológico por excelência” e esse signo se manifesta por meio de enunciados “relativamente estáveis”, dentro de situações nas quais se permite a interação. Dada esta prerrogativa, cada qual detém importante papel no processo enunciativo. Ainda segundo o filósofo, todo o enunciado se manifesta em uma situação histórica, e seus atores por vezes compartilham da mesma cultura, estabelecendo-se, assim, um diálogo.

A noção de dialogia em Bakhtin é, no entanto, conforme afirma Brait (2017), uma peça constitutiva da própria linguagem e que vai além da estrutura conversacional. A pesquisadora afirma que para o filósofo russo a linguagem é intrinsecamente dialógica, é um sistema por meio do qual os textos se manifestam em forma de enunciados. Além disso, Bakhtin (2014) compreende como enunciados não as orações que compõem um texto (somente a sintaxe), mas o conjunto dos elementos enunciativos. Tais enunciados carregam valores que se defrontam com outros, produzindo-se assim, a cultura.

Quanto ao termo cultura, segundo Rojo (2013, p. 8):

Para o trabalho com jovens, devemos definir “cultura” não como “erudição”, nem como “antítese” das dimensões “populares” e “massivas”, mas como “mesclas conflituosas” resultantes de “processos dialógicos” de negociações (materiais e simbólicos) e de interesses diversificados (individuais e coletivos) entre as classes sociais, segmentos populacionais e estilos de vida.

Essa ideia de construção da informação e que, posteriormente, se transformará em cultura, num processo dialógico, também é compartilhada por Flusser (2013, p. 97), segundo o qual:

Para produzir informação, os homens trocam diferentes informações disponíveis na esperança de sintetizar uma nova informação. Essa é a forma da comunicação dialógica. Para preservar, manter a informação, os homens compartilham informações existentes na esperança de que elas, assim compartilhadas, possam resistir melhor ao efeito entrópico da natureza. Essa é a forma de comunicação discursiva.

Assim, tanto dialogia quanto discursividade, conceitos fortemente arraigados no círculo de Bakhtin, seriam, segundo Flusser (2013), interdependentes, embora diferentes, e se relacionam no contexto enunciativo. Sobre os enunciados, “O emprego da língua efetua-se em formato de

enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”, conforme afirma Bakhtin (2006, p. 261). E esses enunciados refletem suas condições de produção.

O conceito de enunciação tem seu sentido estabelecido na relação entre os interlocutores (sentido e significação), dentro do qual significado pode ser o mesmo, mas o sentido não. Assim, cada interação acontece num momento histórico diferente e em um contexto diverso de produção de discursos. Flusser (2013) reitera que a aproximação entre discurso e diálogo precisa acontecer de maneira equilibrada, para que ocorra, efetivamente, a produção de novas informações. Ambos os conceitos atravessam o conteúdo, a sintaxe da língua e a semântica, na produção de significados. Mas, também, atravessam gêneros discursivos distintos. Assim, cabe analisar de que forma estes gêneros chegam ao espaço escolar, e como os multiletramentos contribuem para a interpretação e circulação de tais textos.

Outro fator importante é que essas práticas multiletradas acompanham, também, o crescimento dos gêneros advindos das tecnologias digitais. Sobre essa questão, Rojo (2013) afirma que a popularização da cultura digital possibilitou o acesso e a divulgação dessa cultura, que antes era relegada a um grupo elitizado de usuários, aos sujeitos da periferia.

Para melhor compreensão do termo multiletramentos, a autora destaca, também, três outros conceitos que o permeiam, são eles: pluralismo cívico, identidades multifacetadas e culturas híbridas. Sobre os termos, Rojo (2013) antecipa que para uma customização pedagógica do pluralismo cívico é preciso empreender um diálogo entre o local e o global. As identidades multifacetadas correspondem aos repertórios culturais diversificados que se diferenciam e se complementam no interior dos letramentos. E ao termo culturas híbridas atribui-se o sentido de diálogo entre culturas que se integram e se fragmentam na construção de novas formas de produção cultural num processo simbiótico.

O entendimento da questão dos multiletramentos no mundo contemporâneo requer, também, o entendimento do conceito de semiótica. Santaella (2007) o compreende como o estudo geral de todas as linguagens, no entanto, destaca que historicamente foi multiplicada a crença de que as únicas formas de conhecimento advêm da cultura letrada, por meio dos signos linguísticos. Este pensamento deixou de fora a noção de que “Todo e qualquer fato cultural toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e de sentido” (SANTAELLA, 2007, p. 12). Sendo assim, ao estudar as múltiplas semioses leva-se em conta todo um contexto de produção e enunciação das práticas de linguagem, premissa dos multiletramentos.

Nascidos de diversas práticas e que mesclam semioses são esses textos um fenômeno que engloba uma grande variedade de representações, que integram ações por meio da linguagem e que inserem o interlocutor mais profundamente no texto, segundo Rojo (2009). A multiplicidade e os inúmeros modos pelos quais o texto se apresenta exige, assim, o estudo de novas ações pedagógicas no tocante à teoria dos multiletramentos.

De acordo com Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020), os multiletramentos possuem um significado modal e outro contextual. Rojo (2009, p. 13) dialoga com os autores quando delinea a diferença entre letramentos múltiplos e multiletramentos. No primeiro caso, tem-se uma variedade de práticas letradas, no segundo, consideram-se dois enfoques, “a multiplicidade cultural

do povo e a multiplicidade semiótica dos textos”. Dessa maneira, há preferência neste artigo pelo termo multiletramentos.

O conceito de multiletramentos, de acordo com Rojo (2005), evidencia a importância dos recursos multimodais para o ensino e a aprendizagem das práticas de linguagem em sala de aula. A língua, pois, se apresenta de muitas possibilidades, em diferentes suportes, contendo diversas vozes. Com as tecnologias de informação e comunicação, estas modalidades têm aumentado a multiplicidade de modos como ela aparece.

No entanto, Rojo (2009, p. 107) argumenta que estes novos letramentos não podem ignorar a cultura local e, ao mesmo tempo, precisam conectar os estudantes com letramentos valorizados; assim, os multiletramentos são “exigidos pelos textos contemporâneos, ampliando a noção de letramentos para o campo da imagem, da música, das outras semioses que não somente a escrita”. Vale destacar, ainda, a importância de se considerar o processo ético, quando da elaboração de tais práticas letradas, para que esses “Letramentos críticos e protagonistas requeridos para o trato ético dos discursos em uma sociedade saturada de textos e que não pode lidar com eles de maneira instantânea, amorfa e alienada” (ROJO, 2009) possam contribuir para uma educação mais crítica e cidadã. Assim:

O conceito de letramentos múltiplos é ainda um conceito complexo e muitas vezes ambíguo, pois envolve, além da questão da multissemiose ou multimodalidade das mídias digitais que lhe deu origem, pelo menos duas facetas: a multiplicidade de práticas de letramento que circulam em diferentes esferas da sociedade e a multiculturalidade, isto é, o fato de que diferentes culturas locais vivem essas práticas de maneira diferente. (ROJO, 2009, p. 109).

Dessa maneira, no contexto de ensino e aprendizagem na era digital, pode-se estabelecer um diálogo entre Santaella (2007, p. 14) quando manifesta que “As linguagens estão no mundo e nós estamos na linguagem” e Rojo (2012), para a qual o trabalho pautado em multiletramentos pode ou não inserir as tecnologias digitais no contexto de sala de aula, embora, na maioria das vezes o faça. Essa necessidade caracteriza-se, segundo esta última, a partir da realidade sociocultural do estudante.

Portanto, os papéis assumidos pelos agentes de letramento precisam ser revisitados. O lugar da escola, nesse discurso, por exemplo, é o de promover o diálogo, uma vez que há diversas vozes presentes nos atos enunciativos. Frossard (2008) ao aproximar as teorias sobre dialogismo de Bakhtin e polifonia de Ducrot encontra um ponto de contato que emerge da enunciação polifônica. Conforme o autor, essas vozes presentes na enunciação já estão previstas no sistema de funcionamento da língua, como preveem ambos os autores, embora para Ducrot elas ocorram por meio das marcas linguísticas e para Bakhtin elas nasçam do processo. Assim, Frossard (2008, p. 12) intervém: “linguistas e outros estudiosos da linguagem têm lançado um olhar atento, tanto para a forma linguística, quanto para aspectos que, apontados pela própria língua, são externos ao texto”. Além dos aspectos intra e extralinguísticos, outra preocupação quanto ao estudo da polifonia discursiva, advém dos conflitos polifônicos oriundos das enunciações, sobre eles Rojo (2009, p. 115) assevera que é o multiletramento:

[...] não isento de conflitos polifônicos em termos bakhtinianos, os textos/enunciados/discursos das diversas culturas locais com as culturas valorizadas, cosmopolitas, patrimoniais das quais é guardiã não para servir a cultura global, mas para criar coligações contra hegemônicas para translocalizar lutas locais.

Isto posto, a sugestão é de que o trabalho com leitura e escrita, nos dias de hoje, considere os letramentos multissemióticos, os multiletramentos, bem como os letramentos críticos, pela razão de que “Essas escolhas nunca são neutras, nem impunes, pois o tempo escolar que tomo com um objeto de ensino não será dedicado a outro: cada escolha presentifica um dentre muitos outros perdidos” (ROJO, 2009, p. 121). Alfabetizar letrando com criticidade é um desafio que se apresenta ao longo dos anos no sistema educacional brasileiro.

Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020, p. 20) chamam a atenção para o fato de que a escrita já ocupou lugar de único prestígio na sociedade letrada, mas hoje, há outros modos de desterritorializar uma cultura e que

uma pedagogia voltada ao ensino de leitura e escrita precisa ir além da comunicação alfabética, incorporando, assim, a essas habilidades tradicionais as comunicações multimodais, particularmente aquelas típicas das novas mídias digitais.

Essa mudança de paradigmas exige um câmbio de enfoque no âmbito da educação, e o trabalho por meio de projetos se apresenta, então, como uma alternativa viável. Desafio igualmente grande é o de empreender estes estudos, por conta da situação de isolamento social, o que acarretou aulas remotas. Principalmente, pelos motivos anteriormente elencados, quanto ao acesso aos meios digitais no Brasil. Isso também levou a outra preocupação no âmbito educacional, a afetividade, tendo em vista o distanciamento que a própria tecnologia provoca, agravado pelo isolamento social, em tempos de pandemia. Desafio que junto ao tema escolhido pelos alunos “a historicidade do conceito de diversidade na escola”, adentraram as práticas de letramento descritos no corpo deste estudo.

DESENHO DAS ETAPAS DO PROJETO E A SELEÇÃO DO ESCOPO DE ANÁLISE

O Projeto de Letramentos culminou na criação de um webdocumentário intitulado: Vozes da diversidade na escola. Para que se chegasse a ele, desenharam-se etapas dentro das quais discutiu-se a formação das identidades e conceito de diversidade. A ideia surgiu em 2019, numa escola no interior do Mato Grosso. Os alunos, na época do oitavo ano, assistiram ao documentário “Pro dia nascer Feliz”, de Jaime Jardim (2005); em seguida, discutiram situações-problema encontradas na produção cinematográfica, as quais puseram em relevo o debate sobre a criação das identidades e o respeito às diversidades.

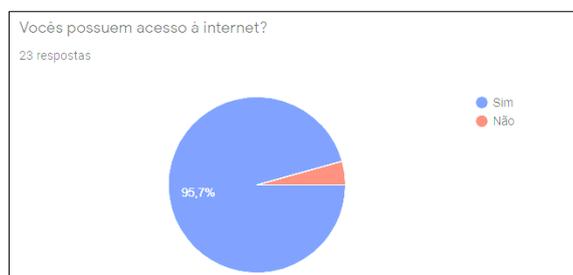
Os estudantes foram instigados a pensar se essas práticas ou outras, de intolerância e/ou problemas de convivência, se manifestavam dentro e fora dos muros da escola e quais alternativas poderiam ser pensadas, a fim de solucioná-las. Em seguida, os fragmentos do debate realizado após reprodução audiovisual viraram problema de pesquisa, e por meio de perguntas exploratórias sobre as quais os envolvidos se debruçaram, foi construído o referencial teórico que pudesse auxiliá-los a circular e interagir por diferentes espaços mediados pela linguagem.

Figura 01 – Formação de grupos para o debate sobre os conflitos

Fonte: As autoras (2019)

Em virtude da pandemia do Coronavírus e da necessidade de isolamento social, o projeto não aconteceu como foi desenhado; então, adaptações foram necessárias, para que a realidade local pudesse ser revelada, pois ela traduz um contexto social ainda maior, dentro do qual inúmeras identidades se entrecruzam. Dos trinta estudantes envolvidos em 2019, somente nove puderam participar em 2020 das aulas *on-line*. Assim, a ideia inicial de trabalho colaborativo em grupos pequenos foi abandonada e deu lugar a reuniões de pauta na coletividade. Nesses encontros foram abordadas todas as questões envolvidas no processo de confecção do webdocumentário, produto final do projeto.

Do formulário enviado às famílias, autorizando a participação de seus filhos no desenvolvimento do projeto, no formato virtual, foram 23 dos 32 responsáveis pelos estudantes, que responderam. Dele saíram 9 participantes que demonstraram interesse em continuar investigando o tema da diversidade, de forma remota, mesmo que a maioria tenha respondido que tinha acesso à internet, conforme mostra o gráfico abaixo.

Gráfico 01 – Estudantes com acesso à internet

Fonte: As autoras (2020)

O gráfico acima mostra o percentual de estudantes com acesso à internet. Percebe-se que corresponde à maioria, mas que ainda assim, há uma minoria que vive nas aldeias indígenas e no campo, onde o sinal não é compatível com a atividade proposta. A recusa pela participação no projeto também foi algo percebido quando as aulas voltaram na modalidade remota, por meio de plataformas, em agosto de 2020. Os alunos já estavam há 4 meses sem aulas. O gráfico abaixo trata do acesso dos estudantes aos equipamentos necessários para a participação no projeto.

Gráfico 02 – Equipamentos tecnológicos para participação no projeto

Fonte: As autoras (2020)

O gráfico 2 apresenta um percentual reduzido de estudantes que possuem equipamentos necessários para a participação nas aulas remotas, em comparação ao gráfico 1 sobre o acesso à internet, principalmente quanto à desigualdade de acesso. Em diálogo com os responsáveis, descobriu-se que alguns estudantes utilizam os celulares e/ou computadores de seus pais, que os levam quando saem a trabalho. Este fato inviabilizou a participação de alguns estudantes. Outros relataram, ainda, que embora tivessem acesso à internet, ela não seria suficiente, pois a adesão não é mensal, são feitas recargas, das quais a família toda se beneficia.

Na seção de comentários e sugestões, somente 5 participantes resolveram opinar. Nota-se que os pais estavam pouco engajados e mal sabiam do que se tratava o projeto; então, foi solicitado aos estudantes que explicassem aos seus responsáveis o funcionamento da pesquisa, como ela surgiu, quais seriam seus objetivos e motivações. Os 9 participantes o fizeram. Há um diálogo, em especial, que foi bastante enriquecedor sobre essa questão, realizado por meio de áudios de *WhatsApp*, com o qual foi possível refletir sobre a linguagem, além de trocar ideias sobre o projeto.

Figura 02 – Print de um dos encontros virtuais do projeto

Fonte: As autoras (2020)

Foram realizadas ao todo 9 etapas, as quais seguem resumidas no quadro abaixo:

Quadro 1 – Etapas do PL: Webdoc vozes da diversidade na escola

Etapas	Procedimentos
Primeira	Coleta de dados por meio de debates e do <i>Google Forms</i> .
Segunda	Estudo do conceito de identidade à luz curta-metragem “Zero” de Christopher Kezelos (2010) e discussão quanto às relações entre o conceito de identidade, sua formação no mundo contemporâneo e convergência com o conceito de diversidade. Os dados coletados foram gravados, transcritos e serviram de corpus para posterior análise.
Terceira	Leitura e interpretação de entrevistas que versam sobre o conteúdo temático da diversidade. Texto 02: Entrevista com Macaé Evaristo, para o Seminário Diversidade Cultural. Texto 03: Entrevista com Maria – Projeto: #HUMAN. Os questionários realizados nesta etapa auxiliaram a compreender os conhecimentos prévios que os alunos possuíam sobre o gênero entrevista.
Quarta	Estudo das características do gênero entrevista elencados durante a realização das atividades da terceira etapa e formuladas pelos estudantes, por meio de pesquisas pela internet.
Quinta	Análise da entrevista de Macaé Evaristo e a percepção quanto à formação das identidades, conceitos de identidade, formação de preconceitos e constituição da entrevista como gênero discursivo.
Sexta	Análise linguística na construção de textos do gênero entrevista com dados criados a partir das observações, quanto à variação dos pronomes nos textos dos alunos.
Sétima	Planejamento das perguntas para a escrita do gênero entrevista e posterior transformação do texto escrito em texto oral. Participação da jornalista Luzimar Collares da TV Centro-América de Cuiabá, para a qual os alunos formularam as primeiras perguntas.
Oitava	Estudo acurado do gênero webdocumentário
Nona	Divulgação dos resultados. Os resultados foram divulgados por meio do <i>Blogspot</i> do <i>Google</i> , bem como pela plataforma de reprodução de vídeos do <i>You tube</i> . Link 1, Página do projeto: https://webdocvozesalzira.blogspot.com/ Link 2, Vídeos <i>webdoc</i> no <i>You tube</i> : https://www.youtube.com/channel/UCMfVXUYv5sXJ5tKWRiIMMBPQ

Fonte: As autoras (2019/2020)

Para fins deste estudo, somente a etapa 2 será descrita e analisada. Tal seleção se justifica, pois se constituiu de momentos reflexivos quanto aos textos multisemióticos cujos resultados geraram ampla discussão. Nesta etapa, priorizou-se a leitura e a interpretação de um curta-metragem que abordou o tema da criação das identidades. De acordo com Antunes (2009), a leitura tem funções individuais, mas também sociais para que se efetive o acesso ao conhecimento, a produção de novos conhecimentos e a continuidade do avanço de novas descobertas, tornando o ato de ler significativo. Além disso, a leitura, segundo Geraldí (2011), amplia repertórios, promove acesso ao conhecimento e partilha o poder. Para Antunes (2009, p. 202), “O sentido de um texto não está apenas na superfície de sua estrutura, mas resulta numa confluência de elementos que estão dentro e fora dele”. Assim, Solé (1998), ao discutir as estratégias de leitura, seleciona alguns pontos importantes, os quais foram considerados para a elaboração da discussão tecida neste texto.

Os objetivos de leitura abaixo elencados serviram para todas as etapas do projeto, de forma geral, bem como auxiliam na compreensão dos resultados obtidos ao longo do processo para o desenvolvimento do projeto:

- Estabelecer, expectativas antes, durante e depois da leitura dos textos;
- Ativar conhecimentos prévios;
- Identificar informações implícitas e explícitas e seus efeitos de sentido na observação dos textos lidos;
- Ler e relacionar os textos lidos com suas condições de produção;
- Analisar a composição do gênero discursivo em foco;
- Verificar e analisar outras semioses presentes na constituição dos textos;
- Refletir sobre como as tecnologias digitais têm alterado as configurações desses gêneros;
- Ler posicionando-se criticamente, tecendo considerações quanto aos valores estéticos, éticos e políticos do texto lido;
- Identificar as diversas vozes presentes nos textos e refletir sobre seus posicionamentos;
- Identificar os vazios do texto e seus efeitos para a compreensão do texto lido;
- Reconstruir a textualidade do material lido refletindo sobre seu processo de composição linguístico e discursivo;
- Compreender os efeitos de sentido dos recursos multissemióticos presentes em tais textos;
- Desenvolver a receptividade e o interesse pela leitura de textos que extrapolem o universo de expectativas;

Cabe acrescentar que se nomeou o momento seguinte de etapa 2 por compreender que a etapa 1 já havia sido realizada, quando da formulação das perguntas de pesquisa. Nesse sentido, todas as ações voltadas por meio de perguntas exploratórias, envolvimento dos estudantes em situações-problema, para que pensassem sobre sua realidade local, bem como discussões quanto a suas percepções da diversidade constam na etapa primeira. Segue no quadro abaixo a descrição da etapa cujo recorte idealizou este artigo.

Quadro 2 – Etapa 2 do PL intitulado Webdoc: vozes da diversidade na escola

Título da aula: Como se constroem as identidades no mundo contemporâneo?

Ação: Estudar o conceito de identidade e como elas se formam

Motivação: Reprodução audiovisual do curta-metragem “Zero” de Christopher Kezelos (2010) e promoção de debate, por meio de perguntas exploratórias sobre o tema.

Objetivo: Verificar de que forma os estudantes compreendem o modo como se constroem as identidades no mundo contemporâneo.

Procedimentos:

a) Pré-leitura audiovisual: Antecipar informações e ativar conhecimentos prévios sobre o tema a ser discutido brevemente e o gênero discursivo priorizado nesta aula.

Questões norteadoras:

- O que o título desse vídeo antecipa para você?
- Quais significados da palavra “Zero” produzidos socialmente você conhece?
- Que expectativas são construídas entre o título desse texto e suas concepções sobre a formação da identidade na sociedade contemporânea? (Para responder a essa pergunta pense: Por que o nome Zero?)

b) Durante a leitura audiovisual:

Questões norteadoras:

- Que antecipações é possível fazer sobre o conteúdo do vídeo por meio da música de abertura?
- Quais impactos essa canção tem com relação às suas expectativas sobre a história?
- Observe as cores utilizadas no vídeo: que sentimentos elas suscitam no espectador? Que informações sobre as cores você possui e que fez responder à pergunta anterior?

- Pense sobre isso: Quando o narrador apresenta Zero, no momento de sua concepção utiliza vermelho, que simboliza o interior do útero materno, mas também significa, segundo o dicionário de símbolos, um mártir. Busque no dicionário o significado de mártir, responda se você considera o personagem desta história como um e justifique sua resposta com trechos retirados da narrativa.

- Você já conseguiu identificar a relação do nome Zero com as características do personagem criado nesse vídeo? Quais são elas?

- Quais são suas expectativas com relação ao final desta narrativa? Elas correspondem às que você levantou por meio das respostas da primeira etapa?

- O que o senso comum nos faz pensar sobre as pessoas as quais atribuímos uma nota “Zero”?

c) Pós-Leitura:

Questões norteadoras:

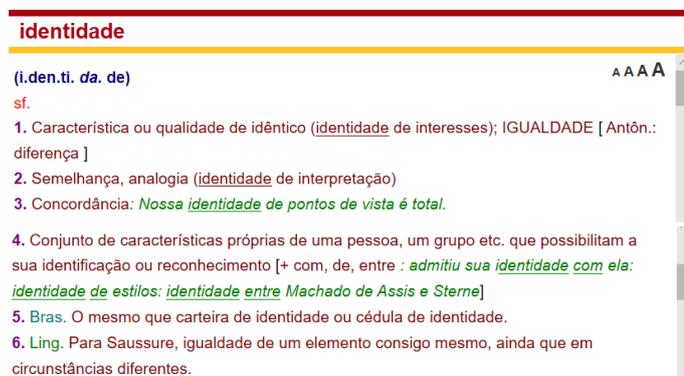
- O final da história de Zero rompeu com seus horizontes de expectativa ou você já esperava por ele? Como você construiu esse pensamento?

- Poderia haver terminado diferente? De que forma?

- Que sentidos da palavra identidade você conhece?

- Segundo a definição do dicionário *online* Caldas Aulete, o significado de Identidade é:

Figura 03 – Print do conceito de identidade



Fonte: Dicionário Online Caldas Aulete (2020)

- Observando a história de “Zero” você acredita que o personagem tem consciência de sua própria identidade? Que fragmentos do texto o levaram a esta resposta?

TEXTO 01 (Transcrição)

Todos nascemos da mesma matéria, entretanto, nem todos nascemos iguais. O que você vai ser? O que se tornará? Alguns nascem para serem líderes, causando grandes mudanças no seu povo. Outros nascem para a mediocridade, vivendo uma vida banal. Mas, para alguns, a vida é uma constante batalha, oferecendo zero oportunidades.

Então, como pode o Nada ser alguma coisa? A escola era o único lugar onde “Zero” recebia a atenção. Ele aprendeu importantes lições de vida, como: seu valor na sociedade. E que era proibido à sua denominação, multiplicar-se. Às vezes, zero era levado a crer que era um número muito maior. Mas as crianças só queriam lembrá-lo que um Zero é um zero, não importa como você o encare.

Conforme “Zero” chegava à idade adulta, ele trilhava um caminho solitário. E apesar de sua desvantagem numérica, “Zero” sentiu que tinha algo a oferecer. “Zero” nunca permitiu que situações embaraçosas o deprimissem. Ele não queria se tornar um número negativo. Não foi a primeira vez que

“Zero” acordou com o corpo surrado e dolorido, mas dessa vez era diferente. Pela primeira vez, “Zero” se sentiu indiferente, em relação ao seu modesto número. Na companhia de sua nova amiga, ele se sentiu tão importante, quanto um três ou até mesmo um quatro. Mas, a mais maravilhosa sensação era de pertencer a algo.

Uma vida de solidão desvaneceu-se no passado, junto com a noção de que seu amor era proibido. Assim como o mundo continuou sem ele, “Zero” imaginou como ele poderia continuar sem seu amor. O recém-nascido ostentava a marca do infinito, o maior e mais respeitado número que as pessoas já viram. Zero sabia, que para um nada, ele tinha criado algo realmente magnífico.

Questões norteadoras para a interpretação:

a) Observe este trecho retirado do curta-metragem: “Alguns nascem para serem líderes, causando grandes mudanças no seu povo. Outros nascem para a mediocridade, vivendo uma vida banal”. O que é ser um líder? Um líder causa mudanças no seu povo de que forma? O que é ser medíocre? Qual o significado de banal?

b) Observe as palavras retiradas do texto para se referir a Zero: “zero oportunidades”, “o Nada”, “Zero é um zero”, “para um Nada”. Que diferença de sentidos para o texto têm a utilização da escrita da palavra zero com a primeira letra maiúscula ou minúscula? Reflita sobre isso e compartilhe sua interpretação. Ademais, qual o sentido da palavra nada, também com letra maiúscula?

c) No início do ano, estudamos o poema “Morte e vida Severina” dentro do qual observamos e estudamos algumas figuras de linguagem. No texto, temos as seguintes descrições de Zero, conforme o tempo da narrativa transcorre: “Nada”, “modesto número”, “tão importante”. Em que momentos da vida de “Zero” essas palavras aparecem? Relacionem-nas com tais momentos.

d) A figura de linguagem percebida neste trecho é uma gradação e refere-se ao aumento ou diminuição gradual de algo, como por exemplo, ao esquentar a água, antes de colocá-la na chaleira ela está fria, antes do processo de fervura ela é morna, quando alcança seu ponto de ebulição ela é quente. Conseguem perceber a gradação entre: nada, modesto e importante? Que outra gradação é perceptível na história?

e) Observe esse excerto: “Conforme “Zero” chegava à idade adulta, ele trilhava um caminho solitário”. Qual diferença de sentido se acrescentarmos uma vírgula entre as palavras caminho e solitário? Mantém-se o sentido inicial? Por quê?

f) Que outros conhecimentos são necessários para compreender o texto lido? Por exemplo: quando Zero diz que não quer ser um número negativo, a que área do conhecimento ele se refere? O que você sabe sobre os números negativos que te auxiliam na resposta? Ao estabelecer essa relação sobre a negatividade do número, há mais de uma interpretação implicada nessa afirmação; identifique-as e compare-as.

g) Observe essa frase do filósofo contemporâneo Zygmunt Bauman (2005):

a ideia de ter uma identidade não vai ocorrer às pessoas enquanto o pertencimento continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada (BAUMAN, 2005, p. 17-18).

Segundo o que diz o filósofo, as identidades são construídas, nos dias de hoje, ou seja, não é o contexto de seu nascimento ou os julgamentos sociais sobre a origem do indivíduo que criam sua identidade; ela é, portanto, uma criação do próprio indivíduo. Ao comparar a história de Zero com a nossa, essa ideia pode até ser boa, em certo aspecto, porque nos mobiliza a buscar quem somos; no entanto, Bauman (2005) critica até que ponto essa criação identitária é verdadeira? Que narrativas criamos sobre nós mesmos? Elas realmente representam o que somos de verdade? Para além do texto lido, como se criam as identidades na sociedade contemporânea? (Para responder a estas perguntas, pensem nas mídias digitais).

Fonte: As autoras (2019/2020)

Para iniciar a atividade foram feitas perguntas de pré-leitura, para que os estudantes se familiarizassem com o conteúdo do curta-metragem, bem como ativassem conhecimentos prévios sobre o tema abordado. Quanto ao questionamento sobre a antecipação do conteúdo do vídeo pelo título, as duas respostas que se destacam são estas apresentadas abaixo:

Fragmento de resposta 01, Aluno A: Zero não tem valor nenhum, se pensamos um pouco melhor ele só tem seu valor quando está junto com outros números. Pode ser uma metáfora.

Fragmento de resposta 02, Aluna B: Nada, o número zero é o mesmo que nada.

Fragmento de resposta 03, Aluna C: Bom, se o assunto da aula é identidade e o nome do curta-metragem é zero, fico pensando como seria uma identidade zero. Pode ser alguma coisa que começa do começo, como o zero que é o primeiro número, mas sozinho não vale nada. Talvez por isso mesmo vai mostrar que o zero sozinho não é nada, como nós sozinhos não somos ninguém.

De acordo com Kleiman (2005), a antecipação ou predição sobre o conteúdo do texto a ser lido é uma ação importante do processo de leitura, pois, uma vez em contato com o texto, a quantidade de informações que o indivíduo precisará processar no ato da leitura será menor, o que otimiza a compreensão. Nos excertos acima, percebe-se que os alunos A e C, ademais de ativarem conhecimentos prévios, também relacionam o título do curta-metragem com o tema a ser discutido na aula: como se constroem as identidades no mundo contemporâneo. Além disso, atribuíram, também, ao zero significados criados socialmente, como a representação de zero como metáfora para falar do ser humano.

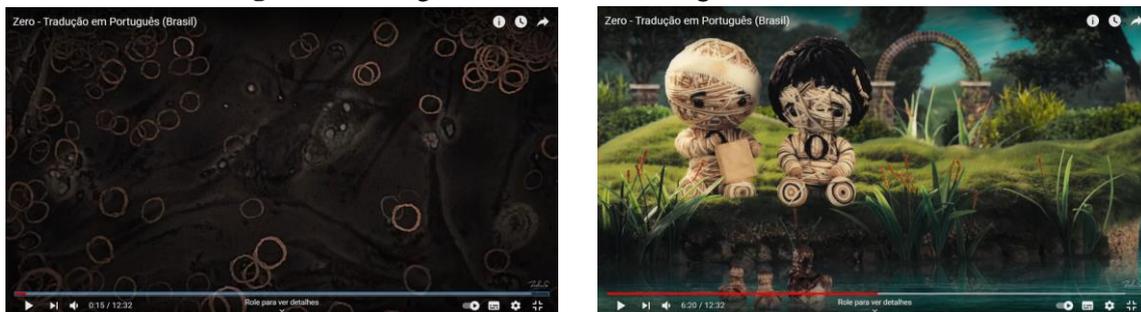
Após as perguntas iniciais, os doze primeiros segundos do vídeo foram reproduzidos, a fim de que os estudantes pudessem ouvir a música que abre o curta-metragem, e refletissem sobre o impacto dela na antecipação das expectativas sobre o que viria a ser discutido. Então, além de antecipar o conteúdo linguístico ao analisar os sentidos da palavra Zero, as expectativas do leitor quanto ao significado que a música poderia atribuir à produção também foi considerada como elemento motivador para a reflexão.

Essa atividade revelou respostas que conduziam para o sentimento de medo, a sensação de que algo misterioso aconteceria, de que as cenas seriam obscuras ou, ainda, de terror. Segundo Bauman (2008) em seu livro “Medo líquido” a sensação de medo aflige o indivíduo da modernidade de três formas possíveis: medo de não conseguir alcançar os objetivos, principalmente para garantir a própria subsistência; medo da vulnerabilidade social; e medo de que sua integridade física seja danificada.

Quando os alunos foram questionados sobre tipo de medo que sentiram ao ouvir a música, relataram a questão da integridade psicológica, que não só tem relação com a mente, mas com as reações fisiológicas, tais como vontade de chorar e imobilizar o corpo, como se a música fosse a causadora dessa imobilidade. Bauman (2008) trata do conceito de medo derivado. Assim, o filósofo discorre que o medo primário seria o próprio medo da morte, e o derivado seria aquele que é inculcado socialmente. Questionados se esse medo que sentiram ao ouvir a música inicial não seria por conta das experiências anteriores que tiveram, eles responderam que poderia ser que sim.

Ao continuar a reprodução audiovisual, os estudantes foram convidados a fazer a leitura das imagens abaixo:

Figura 04 – Fragmentos do curta-metragem “Zero”



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bHc7pv3s7NE&t=601s>. Acesso em 22/12/2020

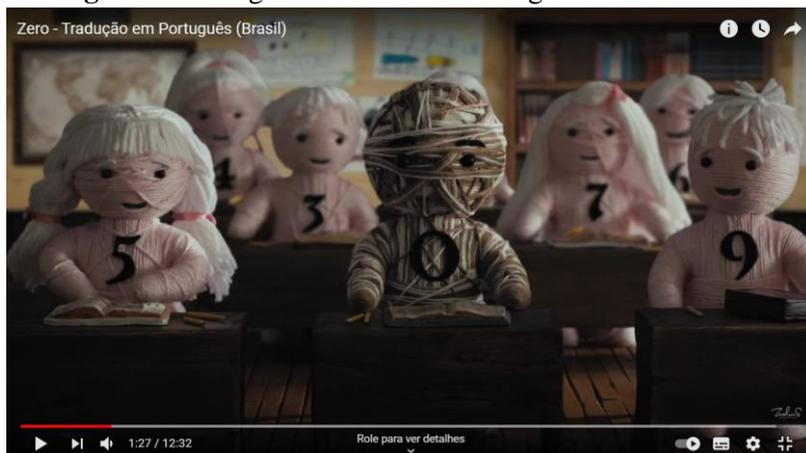
Aos discentes, em primeiro momento, foi pedido que descrevessem o conteúdo das imagens, quanto ao que se vê (informações explícitas) e ao que se pode inferir (informações implícitas):

Fragmento de resposta 01, Aluno A: Eu gosto das cores apresentadas no vídeo, são foscas (cinza, preto e rosa). Cinza me lembra pólvora; preto, o vazio (como o nada, se relacionando assim com o zero), rosa, pelo menos no vídeo, no começo, lembra pele, feto, nascimento. Zero não é rosa como os outros, ele é uma mistura de tons mais escuros. Na segunda imagem tudo está mais colorido, acho que é porque Zero está acompanhado.

Fragmento de resposta 02, Aluna B: Na primeira eu vejo muita escuridão e círculos coloridos, na segunda eu vejo duas pessoas sentadas na grama, alimentando os peixes.

Fragmento de resposta 03, Aluna C: Na primeira imagem aparece muitos zeros, parece que faz referência ao espermatozoide perfurando o óvulo, porque logo depois já aparece um bebê e o seu cordão umbilical. Na segunda imagem eles estão sentados em um parque, alimentando os peixes. Parecem felizes.

Quanto à pergunta sobre as cores utilizadas no vídeo, relataram que os sentimentos suscitados por elas são de medo, vazio, e também pode representar uma questão racial que precisa ser resolvida. É o que se elucida nesta cena, quando o personagem é incriminado pelos colegas e castigado pela professora. Nota-se a diferença de tom de pele entre ele e os demais colegas:

Figura 05 – Fragmentos do curta-metragem “Zero”

Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bHc7pv3s7NE&t=601s>. Acesso em 22/12/2020

Segundo Santaella (2007, p. 13), “É no homem e pelo homem que se opera o processo de alteração de sinais”. Ao serem questionados quanto à questão de como as cores influenciam na interpretação do curta-metragem, os alunos acionaram conhecimentos prévios quanto à temática do racismo, estimulados pela análise das cores rosa e tons de marrom e bege contidos nas cenas, e que remetem a cor da pele dos personagens. Estes signos, cor, som, efeitos audiovisuais, além de contribuir para o enredo da história que está sendo contada, também auxiliam na interpretação dos efeitos de sentido observados na reprodução audiovisual.

Depois de analisar as cores usadas pelos criadores do curta-metragem, os alunos puderam acompanhar no dicionário de símbolos de Jean Chevallier (2020) o significado delas, que foi compartilhado durante as aulas *on-line*. A primeira atividade realizada sobre a formação das identidades e a interpretação do curta-metragem “Zero” resultou em dois estudantes que não conseguiram desenvolvê-la, embora tenham participado do compartilhamento das respostas de seus colegas, em aula posterior. Relataram não haver entendido as perguntas e, depois do debate, comentaram que ficou mais claro para eles o que os comandos solicitavam, embora estivessem pouco ativos no instante da discussão. Demais estudantes relataram haver gostado de responder a questão sobre a música e as cores do curta-metragem, e se surpreenderam com o fato de que cada cor tem um significado no dicionário de símbolos.

Para finalizar o processo, os estudantes refletiram sobre um fragmento da discussão planteada por Bauman (2008) sobre a modernidade e a criação das identidades. Nesse instante da pesquisa, os participantes abriram suas contas nas redes sociais e analisaram a questão da formação das identidades. Como são muitos os excertos, optou-se por compartilhar nesse estudo aqueles advindos das últimas perguntas, as de pós-leitura, que auxiliariam as próximas etapas do projeto: “Como se criam as identidades no mundo contemporâneo?”.

Fragmento de resposta 01 Aluna A: "Por meio delas é possível conhecer alguém que você nunca viu pessoalmente, pelo menos conhecer aquela identidade que ela está criando nas redes, as vezes não é tudo aquilo ou é mais que aquilo, mas de alguma maneira, ela é aquilo, de verdade ou de mentira".

Fragmento de resposta 02 Aluno B: "Outra questão também é a propaganda que fazem de si mesmas. Principalmente quando compartilham lição de moral, como se elas não fizessem parte daquilo que critica, as vezes são até pior".

Fragmento de resposta 03 Aluna C: "Nunca tinha parado para pensar que o simples fato de alguém postar alguma coisa, diz muito sobre como a pessoa pensa. Imaginava que cada um posta aquilo que quer porque tem vontade e pronto. Mas, se alguém coloca alguma coisa ali [nas redes] é porque de um certo jeito, aquilo faz parte dela, ou ela gosta ou ela não gosta, ou é a favor ou contra, mesmo que ela diga que postou só para refletir, sempre tem uma palavra que tem a opinião da pessoa, e que as vezes também é cheia de preconceitos."

Fragmento de resposta 04 Aluna D: "Principalmente agora na pandemia eu vejo muito preconceito das pessoas nas postagens, talvez porque a gente 'tá' num momento de isolamento, como a senhora disse, mas talvez sempre esteve ali, mas a gente nunca viu".

A conclusão preliminar da discussão é que “não há conclusão” [segundo eles]. Mas, refletiram que, de modo geral, não há discursos neutros, que mesmo a mais inofensiva das postagens vem carregada de crenças, preconceitos e ideologias; as pessoas buscam aceitação social, seja por fotografia, por meio de uma música compartilhada ou mesmo as postagens realizadas em forma de texto escrito. Além disso, também refletiram: mesmo antes do isolamento social o ser humano já se sentia muito sozinho, em diversos contextos e já tentava buscar uma identidade, por meio das redes sociais; todo mundo faz propaganda de si mesmo; que muitas identidades são só superfície, e que é difícil conhecer a profundidade. Dessa forma, é possível entender o que disse Bauman (2005): a realidade é líquida, porque o líquido se evapora muito rápido, bem como se esvai; de alguma forma, há uma tendência em produzir julgamentos sobre a identidade do outro, e que isso já é um modo de produzir identidade. Segue entrada do diário reflexivo de 09/06/2020, realizado pela professora pesquisadora que observou todo o processo, no qual a docente relata como se deu esse momento:

Essas duas aulas sobre o curta-metragem “Zero”, apesar de dois alunos sentirem dificuldade no processo de compreensão de algumas atividades, foram os momentos mais proveitosos de debate até o momento. Houve engajamento, os alunos abriram suas redes sociais, averiguaram algumas informações entre seus contatos, mas, sem julgamentos. Refletimos que apontar o dedo para o próximo sem se inserir no discurso não é respeitoso e nem verdadeiro, pois fazemos todos parte desse discurso. (diário reflexivo de 09/06/2020)

Para finalizar, concordaram que as redes sociais têm sido importantes, pois, por meio delas, neste período de isolamento social, o ser humano passa a conhecer a si mesmo e o que o outro pensa de si e dos outros, além de construir a própria identidade. Ademais, criaram um conceito juntos para o termo: “identidade é número de RG, mas também é tudo aquilo que uma pessoa é, suas qualidades seus defeitos, ela com filtro, ela sem filtro”. Assim como Canclini (2004) trata da construção das culturas híbridas, Hall (2006) versa sobre a construção das identidades fragmentadas, segundo as quais, alimentadas por diversas outras atravessam os sujeitos na sua constituição humana, como o Zero, que não é nem bege, nem marrom escuro, nem claro, como perceberam os estudantes.

CONCLUSÃO

A centralidade do texto em sala de aula, de fato, modifica o modo da percepção docente e discente sobre os estudos da linguagem em ambiente escolar. Uma vez compreendida essa questão pelos próprios alunos, o trabalho com os multiletramentos se tornou mais significativo e eles refletiram e reiteraram o motivo de estudarem a língua materna na escola: tornar-se cidadão desse mundo globalizado, dentro do qual uma multiplicidade de textos se entrecruzam. Estes textos mudam o modo como as pessoas se relacionam, e os estudantes compreenderam, também, que o conceito de texto vai além das concepções linguísticas, ideia fortalecida por meio do estudo de outros aspectos que contribuem para a interpretação das mensagens contidas no discurso, tais como: imagem, música e cores.

A pesquisa mostrou, também, que o trabalho ancorado em Projetos de Letramentos, colaborou muito para a sistematização das etapas desenvolvidas. Todo o processo colaborativo desenvolvido pelos estudantes, desde a escolha do tema, até a finalização das etapas, auxiliou na reflexão quanto à importância do trabalho em conjunto para o alcance dos objetivos de pesquisa, ainda que de forma remota. Além disso, também foi motivação a inserção do debate sobre o tema “identidade e diversidade na escola” e como este estudo poderia auxiliar aos discentes no reconhecimento da alteridade, em sua coconstrução sobre a ótica da identificação da comunidade sobre a questão, fazendo-os repensar suas práticas sociais, para a conquista de seu espaço enquanto cidadão. O que foi percebido nos debates promovidos.

Refletiram, também, de que maneira as manifestações na e pela língua estão carregadas de historicidade, os modos de atuação social pelo uso das novas tecnologias digitais. Além disso, os estudantes puderam potencializar as práticas sociais de uso da linguagem e entender que essas manifestações podem acarretar mudanças de postura, ao perceber o processo de constituição da linguagem ao longo do desenvolvimento do projeto. Essa interlocução profícua é retratada nos vídeos disponíveis na plataforma do YouTube, que constituem-se no webdocumentário: Webdoc e a voz da diversidade na escola, disponível no link: https://www.youtube.com/playlist?list=PLlmm_cvz0oFWVQ-mkQafBBfgleDealQD5.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 261-306.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. Trad. M. Lahud; Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.
- BRAIT, Beth. Os gêneros do discurso. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 164p (Resenha). **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso**. v. 12, n. 2 São Paulo May./Aug. 2017. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732017000200191. Acesso em: 05 de jan. de 2021.

CANCLINI, García. **Diferentes, desiguales y desconectados**: mapas de la interculturalidad. Madrid: Gedisa, 2004.

FLUSSER, Vilém. **Língua e realidade**. São Paulo: Herder, 1963. São Paulo: Annablume, 2013.

FROSSARD, Elaine Cristina Medeiros. **A teoria do dialogismo de Bakhtin e a polifonia de Ducrot**: pontos de contato. Disponível em: <file:///C:/Users/Marilia/Downloads/alexandro,+Artigo+12.pdf>. Acesso em 22/11/2020.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill; PINHEIRO, Petrilson. **Letramentos**. São Paulo: Editora Unicamp, 2020.

KLEIMAN, Angela. O processo de aculturação pela escrita: ensino de forma ou aprendizagem da função? In: KLEIMAN, Angela; SIGNORINI, Inês. **O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KLEIMAN, Ângela. **Preciso ensinar letramento? Não basta ensinar ler e escrever?** CEIFEL – UNICAMP, Ministério da Educação, 2005.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane. **Multiletramentos na Escola**. Roxane Rojo e Eduardo Moura (org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática: Ensino Plural**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.